

## O VESTIR UM CORPO MONSTRO: AUN HELDEN E A PERFORMANCE PROSTÉTICA

Almeida, Vinícius A; Mestrando em Têxtil e Moda, Universidade de São Paulo, vinibruv@gmail.com<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo versa sobre a produção estética do corpo nas obras apresentadas por Aun Helden em suas diversas performances, observando a construção desse corpo vestido a partir de uma análise do ciborgue e do monstro. Partindo desse ponto, a análise das performances da artista permeia os signos invocados pela estética desse corpo produzido, cuja filosofia é estruturada na performance estética pós-humana, que busca questionar gênero, sexo, existência e o sistema hegemônico patriarcal e capitalista. Nesse sentido, o propósito da artista se contempla na subversão do próprio corpo e aparência, buscando a subjetivação de seus valores como intervenção no espaço virtual ou físico.

As modificações corporais têm sido utilizadas como meio de expressão artística há milhares de anos, desde as tatuagens e piercings indígenas até as intervenções cirúrgicas mais recentes. Através dessas modificações, os artistas podem explorar temas relacionados à identidade, gênero, sexualidade, cultura e sociedade. Nesse percurso, estudamos o encontro de Aun Helden com as próteses, com o látex, com a simulação e fabricação de um corpo monstruoso como forma de subversão do sistema.

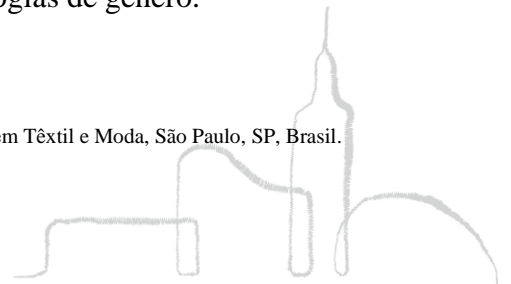
Dessa forma, o que pode causar estranhamento é o ponto de partida de Aun Helden, ao pensar na normatividade de um construtivismo biológico, uma resistência anatômica. Essas dúvidas surgem a partir do que é considerado anormal. Assim sendo, a possibilidade de ver e rever o nosso próprio corpo com outros olhares. Nesse sentido, o ciborgue se faz uma categoria útil para analisar a construção de um corpo vestido performático, uma vez que a artista constrói sua estética na intersecção do orgânico com o sintético.

Uma vez que a máquina e a tecnologia são dispositivos alocados na fabricação da existência, o corpo pode ser entendido como ciborgue, a tecnologia e os mecanismos se tornam extensões do homem. O corpo vestido, nesse momento, é adotado pela artista como uma extensão de si mesmo e por vezes até como uma anulação, performática, do corpo biológico, no exercício do hackeamento das tecnologias de gênero.

---

<sup>1</sup> Vinícius Alves de Almeida

Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Mestrando em Têxtil e Moda, Bacharel em Têxtil e Moda, São Paulo, SP, Brasil.  
vinibruv@gmail.com



Nesse contexto, o corpo ciborgue propõe novas narrativas apresentadas a partir do corpo vestido e do monstro, subjetivado em uma estética que nega o padrão hegemônico. O ciborgue é a corporificação da quarta ferida narcísica e assim com o monstro, são significantes do declínio do homem antropocêntrico.

Logo, o trabalho foi conduzido de acordo com as informações acessadas na revisão bibliográfica pertinente ao tema “O vestir um Corpo monstro: Aun Helden e a performance próstética”. A leitura do material selecionado e a análise de imagens e vídeos de performances da artista possibilitaram compreender melhor os atravessamentos do tema e serviram de base para analisar o construir esse corpo ciborgue. Permitindo maior compreensão acerca da proposta do trabalho.

A análise do corpo se deu por meio de operações conceituais respaldadas nos Estudos de Corpo e do Ciborgue de Flusser, Le Breton, Haraway e Paul Preciado. Já as questões de gênero serão investigadas pelo olhar de Lauretis, Butler e Mombaça. Enquanto isso, O corpo vestido, com suas implicações na sociologia de moda, será contemplado juntamente com os textos de Joanne Entwistle, Patrizia Calefato e de Caroline Evans. Também será estudado a moda, o gênero e suas interações pela tese de Gabriel Conceição.

**Palavras-chave:** Corpo vestido; Performance; Ciborgue.

